

Promoção da permanência de estudantes através de um grupo de apoio: uma experiência de pesquisa interventiva

Virginia Teles Carneiro

Professora Adjunto II da Universidade Federal de Campina Grande

virginateles@gmail.com

Monalisa Peixoto Soares

Graduanda de Psicologia da Universidade Federal de Campina Grande

psicomonalisa@gmail.com

INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui relatada objetivou compreender a efetividade de um grupo de apoio acadêmico na promoção da permanência de estudantes na universidade. Uma das motivações para o estudo surgiu da percepção das pesquisadoras acerca de certa invisibilidade nas discussões sobre a importância das ações afirmativas para permanência na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Vinculadas ao curso de psicologia, as autoras começaram a receber solicitações de estudantes para realizar algum tipo de trabalho em que pudessem compreender o mal estar vivenciado por eles, algo relacionado não apenas à satisfação ou insatisfação com o curso escolhido, mas com o próprio cotidiano universitário. Em outras palavras, a pesquisa foi pensada a partir do sentimento de ameaça à permanência vivenciado pelos estudantes, englobando também aspectos subjetivos e não apenas relacionados às políticas de permanência.

Para embasar a pesquisa, utilizamos o conceito de afiliação estudantil do sociólogo francês Alain Coulon. Baseando-se na hipótese de que os estudantes que não conseguem afiliar-se à universidade fracassam, Coulon (2008, p. 32) define afiliação como “o método através do qual alguém adquire um status social novo” que designa, no caso, o exercício, de fato, das competências necessárias ao ofício de estudante. Estar afiliado é sentir-se membro da cultura estudantil, é agir de forma natural, demonstrando apropriação dos elementos que constituem essa cultura. O autor coloca a afiliação em duas dimensões, a institucional (aprender, interpretar e saber utilizar as regras da instituição) e a intelectual (aprender as regras da construção, da exibição e da reprodução do conhecimento). Para ele, a entrada na universidade pode ser compreendida como uma passagem que ocorre em três tempos: o tempo do estranhamento (rompimento com o

mundo familiar e entrada em um universo novo), o tempo da aprendizagem (quando há uma progressiva adaptação e a acomodação começa a se produzir) e o tempo da afiliação (o manejo relativo das regras, identificável principalmente a partir da capacidade de transgredi-las ou interpretá-las). Embora possamos dizer que o afiliado é aquele que se tornou membro, é importante destacar que esse processo nunca está plenamente finalizado, pois como a cultura é mutável, assim como o sujeito que dela faz parte, novos desafios surgem e colocam à prova o status dessa afiliação (COULON, 2008).

A obra de Coulon é uma leitura obrigatória para se compreender a condição de estudante de forma ampla e numa ótica microssociológica. Através da vivência no cotidiano acadêmico na Universidade de Paris VIII, o autor consegue, com maestria, identificar os códigos que o estudante precisa interpretar para conseguir concluir o curso com sucesso. São códigos relacionados ao aprendizado dos conteúdos acadêmicos e formas de exposição desse aprendizado, bem como às normas e práticas da instituição, que normalmente não são claras e exigem atenção constante do estudante.

Essa compreensão microssociológica do itinerário estudantil sem dúvida norteou questionamentos acerca dos elementos que desafiam a afiliação e ameaçam o estudante que já se tornou membro de uma cultura estudantil a voltar a sentir-se “um estranho no ninho”. Pesquisas anteriores (CARNEIRO et al., 2015a; CARNEIRO et al., 2015b) apresentaram as inúmeras dificuldades dos estudantes no âmbito dos relacionamentos, especialmente com os professores, e com um sofrimento diretamente ligado à vida na universidade, sofrimento esse, na maioria das vezes, incompreendido ou compreendido de forma difusa, embora o estudante parecesse estar afiliado intelectual e institucionalmente. Foi com base nessa lacuna de conhecimento que se pensou em criar um grupo de apoio no intuito de promover a permanência e, ao mesmo tempo, avaliar se o uso dessa ferramenta poderia, de fato, ser considerada uma metodologia com potencial para alcançar tal objetivo.

Para o funcionamento do grupo, optou-se pela Oficina de Criatividade como um dispositivo para trabalhar temáticas relativas à adaptação na universidade. De acordo com Ostronoff, Fávero e Baldin (2008), as Oficinas de Criatividade caracterizam-se por ser uma modalidade clínica facilitadora da elaboração da experiência pessoal e coletiva através do uso de recursos expressivos, como movimento corporal e atividade de expressão plástica e de linguagem. Esses recursos são utilizados como uma base através da qual é possível emergir o novo e o desvelamento da singularidade de cada participante. Nesse sentido, a produção final (seja uma pintura, um desenho, um texto, etc.) não é o

objetivo central, mas sim um caminho para reconhecer a si mesmo e ao outro. A especificidade da Oficina de Criatividade como modalidade de prática psicológica está exatamente no uso dos recursos expressivos de natureza artística como deflagradores de experiências particulares, “vividas pelos participantes como expansão dos horizontes pessoais e da circulação, através de pontos de vista múltiplos, de conhecimentos específicos, sentimentos, valores e crenças” (CUPERTINO, 2008, p. 07).

O uso de recursos expressivos artísticos possibilita a ressignificação de vivências através de uma aprendizagem pela experiência, que se dá por uma via diferente da racional (CUPERTINO, 2008). Para criar condições para isso, o facilitador acompanha o processo criativo das pessoas sem fazer interpretações explicativas, sem ensinar habilidades de forma diretiva ou tentar controlar os acontecimentos com vistas a atingir um objetivo já determinado previamente. Sua postura é de abertura para o inesperado e de compreensão das demandas que se reconstróem a todo o momento.

Realizadas em grupo, as Oficinas possibilitam o estreitamento de vínculos sociais e a apropriação de experiências coletivas, além das individuais. Ostronoff, Fávero e Baldin (2008, p. 78) afirmam que elas proporcionam o “poder falar de si, mas também ouvir-se falando e ouvir comentários de outros a respeito de si próprio; tecer comentários a respeito da produção do outro, e ouvi-los dos outros ao mostrar sua própria”. Para as autoras, isso cria um sentimento de pertença social e de saída da solidão, concomitante à abertura para o reconhecimento da alteridade.

Por meio dessa prática, os participantes do grupo podem conhecer melhor a si mesmos e aos demais, e, por outro lado, estabelecer laços e redes, num processo que facilitará as relações estabelecidas, seja nos diferentes contextos de estudo, seja na vida pessoal. De acordo com Cupertino (2008, p. 08), “a vivência grupal de situações pouco habituais favorece a coesão de grupos e a discussão de problemas comuns enfrentados no cotidiano, permitindo o suporte emocional e a articulação política”.

Assim, a Oficina de Criatividade foi escolhida por acreditarmos que ela seria uma ferramenta propícia para promover a permanência do estudante. No entanto, considerando o ineditismo desse tipo de intervenção no campo da afiliação, foi necessário investigar seu alcance como medida pedagógica eficiente na ampliação do campo da aprendizagem pela experiência, o que motivou a pesquisa aqui relatada.

MÉTODO

Para dar suporte às decisões metodológicas necessárias, utilizamos o que se compreende por pesquisa-ação no campo das ciências sociais. A pesquisa-ação pode ser definida, de acordo com Thiollent (2011, p. 14), como um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com “uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo”. A criação do grupo de apoio aqui descrito envolve uma investigação compartilhada entre pesquisadoras e participantes que visa não apenas compreender, mas também transformar uma situação, no caso, a dificuldade para permanência dos estudantes na universidade. Em torno dessa temática, há uma implicação das experiências entre pesquisadores e participantes do grupo, que pode fazer emergir a ressignificação das situações por parte de ambos os lados. Isso denota o aspecto sócio-político dessa modalidade, segundo Thiollent (2011).

Para a concretização da pesquisa, agregaram-se algumas técnicas de investigação social, pois além da realização do grupo de apoio propriamente dito, incluímos a observação participante e a entrevista semiestruturada. Para formar o grupo, optamos pela criação de demanda espontânea através da divulgação da atividade com a utilização de cartazes impressos nas dependências da UFCG e virtuais em redes sociais. O limite máximo de participantes era de quinze pessoas, e, prevendo que poderia haver um número maior de interessados, criamos um formulário online com perguntas que pudessem auxiliar uma possível seleção (nome, curso, período, motivo para procurar o grupo). No total, 21 pessoas se inscreveram e 15 foram selecionadas. Três selecionados comunicaram a desistência antes do início do grupo, então outros foram chamados da lista de espera. Para selecionar os participantes, foi dada preferência a pessoas de cursos diferentes e em semestres mais iniciais.

Foram realizados 06 encontros com um grupo composto por 09 estudantes de diferentes cursos (psicologia, medicina, filosofia e engenharia elétrica). Destes, 03 eram do gênero masculino e 06 do feminino e 04 ingressaram na universidade por reserva de vagas. Todos aceitaram voluntariamente fazer parte do estudo e assinaram o Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido¹. Os outros 06 participantes, do total de 15 selecionados, não compareceram e não comunicaram a desistência com antecedência. Optamos por não convocar outros participantes da lista de espera após a realização do primeiro encontro, por entendermos que os encontros subsequentes dariam, de certo modo, continuidade às discussões anteriores. Antes de iniciar a prática das Oficinas, a equipe de pesquisadoras definiu alguns temas que seriam relevantes para a permanência dos estudantes a partir dos estudos sobre afiliação (COULON, 2008) e dos resultados de pesquisas anteriores (CARNEIRO et al., 2015a; CARNEIRO et al., 2015b), mas considerou que também seria importante abrir espaço para que os participantes sugerissem outros temas.

A observação participante ocorreu em cada encontro grupal, por membros da equipe do GEVU, que se revezavam na atividade a cada semana (as Oficinas duraram em média duas horas). Concordamos com a compreensão de Lapassade (2005), que define a observação participante como o processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com um grupo com o objetivo de desenvolver um entendimento científico daquela situação. Para registro dos dados foi utilizado um diário de campo, ferramenta pertinente ao processo de construção da pesquisa, por ser possível nele abrigar o percurso teórico e metodológico do estudo.

A entrevista, por sua vez, foi escolhida por ser um instrumento privilegiado de produção de dados, tendo em vista que a fala pode revelar “condições estruturais, sistemas de valores, normas e símbolos [...] e transmitir, através de um porta-voz, as construções de grupos determinados”, como afirma Minayo (2014, p. 109). As entrevistas foram realizadas individualmente após a finalização de todos os encontros com o objetivo de compreender a ótica de cada participante acerca de todo o processo grupal. Para garantir a fidedignidade do discurso, utilizamos um gravador de áudio para registro da fala dos participantes que, em seguida, foram transcritas. A decisão de realizar a entrevista individualmente após a conclusão da execução dos grupos teve por objetivo compreender como cada sujeito avaliou a pertinência dessa estratégia para promover a permanência dos estudantes na universidade.

Como recurso para interpretação dos dados foi adotada a Análise Temática (MINAYO, 2014), que consiste na codificação, categorização, agrupamento temático e

¹ A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa, atendendo à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde e obteve parecer favorável (CAE: 56586916.4.0000.5182).

interpretação de maneira ampla, através da descoberta dos núcleos de sentido, na qual a presença ou frequência sejam significativas para o objeto analítico. Desenvolvida sob a perspectiva hermenêutico-dialética, sugerida pela mesma autora, o fundamental é articular o discurso ao contexto histórico em que foi produzido e capturar o debate presente nas diversas falas dos participantes, considerando, para isso, tanto os registros no diário de campo como nos áudios das entrevistas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Oficina de Criatividade é uma metodologia de base fenomenológica, que se orienta por uma perspectiva compreensiva, não explicativa. Isso significa que o objetivo não é estabelecer as determinações que configuram certo fenômeno e seus nexos de causa e efeito, mas sim constituir as relações de sentido que uma vivência, uma situação, uma expressão ou um comportamento possam implicar. A Oficina dispõe um espaço e um tempo no qual as pessoas podem voltar-se para si e para o outro e não para o cumprimento de tarefas cotidianas que colocam as pessoas “no modo automático”, possibilitando o encontro com outros sentidos para suas experiências.

O primeiro encontro teve como principais objetivos a integração entre todos os participantes, incluindo a equipe do GEVU, bem como a definição dos temas a serem abordados nos encontros seguintes. Para a definição dos temas foram distribuídas três etiquetas, sendo uma verde, uma amarela e uma vermelha, para identificar assuntos menos e mais urgentes. Estavam expostos em uma grande cartolina oito temas, baseados nas necessidades do público universitário encontradas em pesquisas anteriores. Os temas escolhidos foram: “medos e ansiedade”, “autoestima”, “vida financeira” e “relacionamentos interpessoais dentro e com a universidade”. Os estudantes puderam falar sobre as escolhas e, ao mesmo tempo, contar um pouco de sua vida na universidade.

Concluído o primeiro encontro, a equipe reuniu-se para planejar a Oficina seguinte e discutir as impressões sobre a Oficina anterior. Esse método foi seguido durante as seis semanas em que as Oficinas aconteceram. Assim, não foi feito um planejamento inicial de todas as Oficinas, mas sim gradual, considerando o desenvolvimento do estreitamento de vínculos entre todos os participantes e as mudanças ocorridas no próprio grupo a partir disso. Para a escolha dos recursos expressivos a serem utilizados foram considerados

fatores como: o tempo disponível para a execução, a viabilidade técnica, a variabilidade (não repetir o mesmo recurso) e o conhecimento prévio sobre a temática. As Oficinas eram planejadas seguindo três etapas: o aquecimento para o tema, o desenvolvimento central e o fechamento (SCHMIDT; OSTRONOFF, 1999). Pensando em facilitar a compreensão do leitor acerca de como os temas posteriores foram abordados, construiu-se o quadro a seguir. Cabe destacar que a prática da Oficina nunca é uma reprodução de seu planejamento, pois se considera sempre o movimento do grupo e a abertura para o imprevisível.

Quadro 1 – Temas e respectivos planejamentos das Oficinas de Criatividade

Tema	Planejamento
Medos e ansiedade	Aquecimento: definição de medo e ansiedade; fantasia dirigida para facilitar o contato com medos e ansiedades de cada um. Desenvolvimento: uso da argila para dar forma aos medos e ansiedades visualizados. Fechamento: cartão em que pudessem escrever algo que sintetizasse o encontro.
Autoestima	Aquecimento: caminhar pela sala e observar uma exposição com impressões de pinturas, fotos e poemas relativos ao autorretrato e também alguns espelhos. Desenvolvimento: desenho de si mesmo com nomeação da obra. Fechamento: fixar os desenhos na parede e definir coletivamente um título para a exposição.
Vida financeira	Aquecimento: exibição de um vídeo bem humorado sobre as dificuldades financeiras dos estudantes universitários. Desenvolvimento: participação num jogo de tabuleiro contendo despesas comuns, com objetivo de chegar até o fim do jogo com uma quantia de dinheiro fictício distribuído para todos. Durante o jogo era discutido como a relação com dinheiro pode interferir na permanência. Fechamento: reflexão sobre valor e dinheiro.
Relacionamentos na e com a universidade	Aquecimento: relato por escrito de situações nas quais as relações favoreceram e dificultaram a permanência. Desenvolvimento: divisão em dois grupos, a partir dos quais os participantes dramatizaram cenas do cotidiano descritos nos relatos dos outros participantes. Fechamento: através do novelo de linha, refletir sobre o significado da palavra “rede” e como eles podem contribuir para uma construção de rede de vínculos.
Retrospectiva	Aquecimento: observar fotos das oficinas anteriores e escolher algumas que trouxessem lembranças importantes. Desenvolvimento: foram disponibilizados papel, lápis coloridos, giz de cera, tesoura, cola e massa de modelar. Solicitamos que representassem o significado da participação deles nas Oficinas com os recursos que quisessem.

	Fechamento: construção de um mural coletivo que sintetizasse a participação de todos nos seis encontros.
--	--

Por limitações de espaço, não iremos relatar de forma pormenorizada cada Oficina, dando ênfase aqui a uma interpretação possível dos acontecimentos. Estabeleceu-se relações entre as impressões das pesquisadoras e a narrativa dos participantes para que os dados fossem interpretados. Esclarecemos que as expressões em negrito se referem às categorias definidas a partir tanto da literatura como dos dados produzidos.

O **medo de deixar de ser estudante** é um conteúdo que atravessa todas as oficinas, e a ansiedade relacionada a essa possibilidade parece ser uma constante na vida deles. Há alguns marcadores que denotam essa vivência com mais clareza, como a preocupação mais imediata com o futuro dentro do curso escolhido, ou seja, se conseguirão cumprir com as exigências acadêmicas do momento, bem como se conseguirão se inserir no mundo do trabalho após a formação. Eles sabem que para permanecer e concluir a graduação com sucesso precisam prosseguir no curso e, para isso, precisam manejar as consequências de eventuais reprovações em componentes curriculares. Embora os estudantes pareçam estar afiliados institucional e intelectualmente, há sempre um temor de que algo poderá mudar e abalar o status de “estudante profissional” (COULON, 2008, p. 36), o que corrobora com a afirmação de Coulon (2008) de que a afiliação estará sempre recomeçando e necessitando de confirmação. Apesar dos problemas cotidianos imediatos ocuparem os estudantes sobre como atravessar a universidade, eles estão sempre olhando para o futuro, para o tempo em que não serão mais estudantes e terão que escolher o que fazer. Ao tocarem nisso, a emoção tomou conta dos que não desejavam de forma alguma retornar a residir em suas cidades de origem e na casa de seus pais. Algumas falas expressam o temor e, ao mesmo tempo, a tristeza caso isso se concretize, pois eles não se reconhecem mais vivendo em seus lugares de origem, consideram que construíram outra identidade após a vida na universidade, sentindo-se mais autênticos e próximos daquilo que acreditam ser.

Por outro lado, apesar da vivência na universidade ter propiciado a construção de uma identidade mais genuína, ela também provoca **experiências de frustração e desmotivação** a partir de idealizações, algumas delas advindas da cultura leiga, de quando o estudante ainda não era universitário. Todos eles relatam que o curso, por exemplo, não era nada daquilo que esperavam, revelando um quase completo

desconhecimento anterior sobre ele, o que também já foi tema de pesquisas anteriores (CARNEIRO, 2013). Uma estudante de engenharia elétrica afirma que é comum os colegas dizerem que o graduado não sai da universidade sentindo-se engenheiro eletricitista, sempre há uma sensação de insegurança e incompletude, algo que é também afirmado pelos participantes dos outros cursos. De modo geral, os participantes sentem-se desmotivados para estudar diante da sobrecarga de conteúdos e atividades que lhe são atribuídas. São tantas tarefas para cumprir que não conseguem dedicar-se àquilo que gostariam de estudar com maior profundidade ou por prazer. Não há tempo hábil para estudarem tudo o que os professores solicitam e ainda aquilo que gostariam. Têm a sensação de que os semestres avançam e que eles estão agindo automaticamente, sem autonomia para decidir os rumos de sua formação. Uma estudante de psicologia afirmou que não se sentia insegura em relação ao cumprimento das exigências acadêmicas, mas que o excesso a fazia esquecer dos motivos pelos quais escolheu psicologia, não havia mais “paixão”.

Com relação ao aspecto financeiro, os estudantes falam sobre conciliar a vida universitária com algum emprego no mundo do trabalho, e são categóricos ao afirmar que essa estratégia é praticamente impossível. Os que já tiveram a experiência não conseguiam dedicar tempo aos estudos para além da sala de aula e nem participar de outras atividades, como encontros para trabalhos em grupo, pesquisa e extensão. Uma estudante de psicologia afirmou que um professor chegou a lhe dizer: “você trabalha e só estuda nas horas vagas”, algo que ela concordou. Todos os que fizeram essa tentativa, pediram demissão dos empregos para continuar na universidade, o que dificultou muito a sua sustentabilidade. É consenso entre eles que há **necessidade de dedicação integral** para a universidade. Os estudantes que recebem apoio financeiro dos pais e os que recebem auxílio da universidade concordam que seria inviável trabalhar e estudar concomitantemente, considerando a rotina dos cursos que escolheram.

A universidade tomada como um mundo social é organizada através da interação e negociação de seus atores, ou seja, as regras institucionais podem ser modificadas ou mantidas a partir da interação entre os membros da instituição (STRAUSS, 2001) e, nesse ponto, encontra-se parte dos maiores desafios dos estudantes para permanecer: **lidar com diferentes tipos de interação**. Eles apontam três focos centrais: dificuldades em lidar com certos estilos pedagógicos dos professores, a necessidade de suportar a competitividade e falta de solidariedade dos colegas e o sentimento de impotência quando se deparam com servidores técnico-administrativos que parecem mais dificultar do que

facilitar a vida do estudante. Porém, a vida universitária também é tempo de bons encontros. Quando se sentem percebidos na sua singularidade e quando experimentam empatia por parte do outro, tanto professores como colegas, sentem-se menos desamparados e motivados para permanecer na universidade. A palavra “empatia” foi bastante utilizada como algo necessário para as boas relações. Em termos institucionais, a universidade parece omissa no que se refere às necessidades dos estudantes, não se interessando sobre o bem estar subjetivo das pessoas, mesmo em cursos que envolvem diretamente o cuidado com o outro, como psicologia e medicina. Para esses estudantes, muitas vezes, a própria universidade promove o sofrimento psíquico por naturalizar os processos de competição.

O grupo como promotor da permanência

Na última Oficina e nas entrevistas que aconteceram após a conclusão da realização dos grupos, os participantes puderam avaliar a experiência e como essa prática repercutiu na sua vida acadêmica. Algo amplamente compartilhado foi a compreensão de que as dificuldades não são restritas a grupos ou cursos específicos, gerando um sentimento de “saída da solidão”, como já apontado por Ostronoff, Fávero e Baldin (2008, p. 78). A estudante de engenharia elétrica, por exemplo, afirma que seu curso é muito conhecido por gerar sofrimento nos estudantes, mas a vivência nas Oficinas a fez perceber que isso não é algo exclusivo, embora os tipos de dificuldade sejam variáveis de acordo com a cultura estudantil de cada curso. Isso a fez pensar que a escolha por outro curso, algo que já havia cogitado, não vai sanar as dificuldades que são próprias da rotina acadêmica. A participação nas Oficinas possibilitou a ampliação do entendimento do que significa ser estudante universitário através do reconhecimento da alteridade.

As Oficinas também se constituíram um espaço diferenciado da rotina da academia, onde os estudantes não se sentiam cobrados e não precisavam exhibir e pôr à prova seus conhecimentos, ou seja, um lugar em que podiam confiar, em que o tempo era outro: o tempo de descontinuar a repetição do dia a dia e permitir-se enxergar o familiar por outra ótica. O encontro com o inesperado aconteceu em vários momentos, seja nas produções individuais, no contato com as produções do outro e na própria forma de funcionamento das Oficinas, de abertura ao movimento do grupo, sem uma definição pré-

estabelecida de objetivos a serem alcançados. O sentimento de não se sentir cobrado para exibir alguma habilidade provocou nos participantes um bem estar subjetivo, como se naquele tempo/espaço eles pudessem experimentar, por uma via afetiva, sensações que os levaram a refletir sua trajetória passada e futura, encadeando sentidos e permitindo uma reorganização de itinerários.

Além disso, segundo os participantes, as vivências nas Oficinas repercutiram também de forma objetiva na vida universitária, como nos exemplos a seguir. Três participantes relataram que se sentiam inseguros e incapazes de participar de algo que fosse além da sala de aula. A solicitação deles para participar da pesquisa exigiu coragem e iniciativa, e com o decorrer dos encontros eles afirmaram que se motivaram para se submeter à seleção para outras atividades acadêmicas, obtendo resultados positivos. Outra participante, a partir da Oficina sobre “medos e ansiedade”, conseguiu organizar melhor o seu tempo para estudar matérias de seu interesse, além daquelas exigidas pelos professores. A estudante que afirmou, em uma das Oficinas, não saber mais porque estava cursando psicologia, quando antes era apaixonada pelo curso, encontrou nas reuniões do grupo outro sentido para sua graduação. O estudante de filosofia solicitou a ajuda da equipe do GEVU para auxiliá-los a se organizarem diante de uma suposta ameaça de encerramento do referido curso na UFCG, o que é sustentado por Cupertino (2008), quando afirma que a Oficina propicia não apenas suporte emocional, mas também articulação política. A participação nos grupos parece ter auxiliado no desenvolvimento da socialização e do sentimento de pertença à categoria de estudante, ou seja, a tornarem-se membros, conceito tão caro à Teoria da Afiliação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha pela Oficina de Criatividade foi por acreditar no potencial desse método para focalizar o processo de transformação dos participantes através da reorganização da experiência, a partir do contato com modos de expressão que acontecem de maneira pré-reflexiva ou por caminhos diversos daquele lógico e racional, privilegiados no ambiente acadêmico. Através do uso de recursos expressivos foi possível explorar as percepções de mundo dos estudantes sobre a vida universitária e gerar abertura para a compreensão

dos elementos que tornam a permanência na universidade algo tão difícil, e, assim, possibilitar a construção de outros sentidos, capazes de nortear novos direcionamentos.

A partilha do comum, o contato com o diferente, o reconhecimento da alteridade e o encontro com o inesperado são aspectos que permearam as Oficinas, permitindo uma retrospectiva e a ressignificação de situações vivenciadas, bem como replanejamento do futuro. Consideramos que através das Oficinas os estudantes puderam experienciar e discutir diferentes facetas sobre as dificuldades da vida universitária que ameaçam a afiliação, e, através disso, romperem com estados de isolamento estreitando laços sociais e descobrindo outros sentidos que fortaleceram a sua permanência no ensino superior.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, V. T. **De estudante de psicologia a psicólogo: da cultura estudantil à cultura profissional na perspectiva do interacionismo simbólico**. 2013. 190 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

CARNEIRO, V. T.; FIRMINO, L. B.; SANTOS, L. C. L.; SOARES, M. P.; PEREIRA, M. S. Contribuições da assistência estudantil para afiliação à universidade. In: **II Congresso Nacional de Educação**, V. 1, 2015, Campina Grande. Anais... Campina Grande: Editora Realize, 2015a.

CARNEIRO, V. T.; FIRMINO, L. B.; SANTOS, L. C. L.; SOARES, M. P.; PEREIRA, M. S. Permanecer na universidade: afiliação intelectual e institucional de estudantes de origem popular. In: **Anais do II Congresso Nacional de Educação**, V. 1, 2015, Campina Grande. Anais... Campina Grande: Editora Realize, 2015b.

COULON, A. **A Condição de Estudante: a entrada na vida universitária**. Salvador: EDUFBA, 2008.

CUPERTINO, C. M. B. Oficinas de Criatividade: uma introdução. In: CUPERTINO, C. M. B. (Org.). **Espaços de Criação em Psicologia: oficinas na prática**. São Paulo: Annablume, 2008.

LAPASSADE, G. **As microssociologias**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

OSTRONOFF, V. H.; FÁVERO, C. B.; BALDIN, P. D. Uma experiência de supervisão em Oficinas de Criatividade. In: CUPERTINO, C. M. B. (Org.). **Espaços de Criação em Psicologia:** oficinas na prática. São Paulo: Annablume, 2008.

SCHMIDT, M. L. S.; OSTRONOFF, V. L. Oficinas de Criatividade: elementos para a explicitação de propostas teórico-práticas. In: MORATO, Henriette Tognetti Penha (Org.) **Aconselhamento Psicológico Centrado na Pessoa:** novos desafios. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

STRAUSS, A. L. **Professions, works and careers.** New Brunswick, New Jersey (USA): transaction Publishers, 2001

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-Ação.** 18.ed. São Paulo: Cortez, 2011.